

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

O TESOURO LITERÁRIO E TEOLÓGICO DAS 7 FRASES DA CRUZ The literary and theological treasury of the 7 phrases of the cross

Rodrigo Lucheta¹

RESUMO

Este artigo consiste em um estudo dos sete versículos que registram as últimas frases de Jesus antes de sua cruel morte na cruz. Os versículos são apresentados na versão Nova Almeida Atualizada e, para uma análise do texto, os contextos histórico e literário são abordados, de forma a serem destacadas as características principais de cada versículo, seu significado e a importância para a Teologia. Em suas últimas palavras, Jesus orou por seus inimigos, salvou um ladrão arrependido, encaminhou sua mãe aos cuidados de seu discípulo de maior confiança, revelou a aflição espiritual e física que suportou para cumprir seu propósito, proferiu um grito de vitória e, por fim, se rendeu absoluta e completamente ao desejo do Pai.

Palavras-chave: Teologia. Evangelho. Cruz. Jesus. Bíblia.

ABSTRACT

This article consists of a study of the seven verses in which the last recorded sentences of Jesus are registered before his cruel death on the cross. The verses are presented in the Nova Almeida Atualizada version and, for an analysis of the text, the historical and literary contexts are approached, in order to highlight the main characteristics of each verse, its meaning and importance for Theology. In his last words, Jesus prayed for his enemies, saved a repentant thief, sent his mother into the care of his most trusted disciple, revealed the spiritual and physical affliction he endured to fulfill his purpose, uttered a cry of victory, and, finally, he surrendered absolutely and completely to the Father's desire.

Keywords: Theology. Gospel. Cross. Jesus. Bible.

¹ O autor é bacharelado em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira. E-mail: rodrigo.lucheta@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Enquanto esteve pregado na cruz, em suas últimas horas de vida, Cristo nos deixou em suas últimas palavras um tesouro literário e teológico. Sete palavras que carregam um peso imensurável de graça foram proferidas enquanto enfrentava o pico de seu sofrimento. Depois de enfrentar a ira dos judeus e a crueldade dos romanos, Jesus enfrenta o sofrimento da cruz, a forma de punição mais brutal usada pelos romanos para impor o medo sobre as pessoas.² Como Beaumont afirma:

O condenado era açoitado e depois forçado a carregar a trave horizontal da cruz (não a cruz inteira) até o local da crucificação. Lá ele era pregado à trave pelos pulsos e em seguida levantado até encaixar em uma estaca vertical presa ao solo tendo seus tornozelos também pregados à estaca. Uma placa descrevendo seus crimes era pregada acima de sua cabeça. A morte chegava lentamente conforme o peso do corpo forçava o diafragma, tornando a respiração quase impossível. O crucificado poderia permanecer nessa condição por vários dias, e algumas vezes os soldados encurtavam esse período quebrando-lhes as pernas.³

Porém, em meio a esta circunstância, quando menos se espera, aquele homem realiza um esforço gigantesco com os ombros, empurrando seu peito para frente na tentativa de encher seus pulmões de ar que eram esmagados contra a cruz asfixiando-o, para conseguir falar. Este esforço lhe permitiu proferir as 7 frases da cruz, deixando um tesouro literário e teológico em palavras para o homem. Afinal, que significado essas palavras carregam e qual sua importância para a Teologia? Neste artigo será realizado um estudo das últimas palavras de Jesus antes de sua morte naquela cruz, que mesmo sendo um instrumento de morte tão cruel, acaba se tornando um púlpito, no qual Cristo revelou grandes verdades sobre a sua obra de redenção.

1. FRASE DE PERDÃO

As palavras que compõem a primeira frase final de Jesus foram: *“Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem...”* (Lc 23.34). Cristo era alvo de blasfêmias e zombarias. Ele enfrentava a humilhação de ser submetido a este sofrimento pela sua própria criação. Inesperadamente, Jesus proferiu palavras de perdão sobre seus perseguidores que o condenaram injustamente, que segundo a Lei mosaica, pecavam por punir um inocente⁴.

Ele era alvo de palavras de maldição, mas ele rogou ao pai que os perdoasse, pagando o mal com o bem, compensando a maldição com bênção. Cristo carrega essas palavras com sua graça, cumprindo a profecia de Isaías 53.12 que diz: *“...Contudo, levou sobre si o pecado de muitos e pelos transgressores intercedeu”*⁵ e mostrando que até para o maior dos

² BEAUMONT, Mike. **Guia Prático da Bíblia**. Tradução de Vanderlei Ortigoza Junior. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012, p. 99.

³ BEAUMONT, 2012, p. 99.

⁴ KEENER, Craig S. **Comentário histórico cultural da bíblia**: Novo Testamento. Tradução de José Gabriel Said, Thomas Neufeld de Lima. São Paulo: Vida Nova, 2017, p. 284.

⁵ Isaías 53.12b.

pecadores, seu amor pode abraçá-lo e redimi-lo. Não há ninguém tão perdido no pecado que o amor de Cristo não se interesse por redimir”.⁶

Aqueles homens pecavam por ignorância (At 3.17; 13.27). Mal sabiam eles que aquele era de fato o Criador do universo e que estavam cometendo o maior crime da história. Este é só mais um exemplo de como a falta de conhecimento é destrutiva para o homem (Os 4.6). Porém, o perdão é uma atitude assustadora. Lewis, em sua obra *Cristianismo Puro e Simples*, afirma: “Todos dizem que o perdão é uma atitude maravilhosa até que tenham algo para perdoar”⁷. Isso porque no mandamento de amar ao próximo⁸, os inimigos estão inclusos. Estevão, compreendendo este ensinamento, da mesma forma que Cristo proferiu palavras de perdão em meio ao seu julgamento (At 7.60).

Agindo de acordo com seus ensinamentos sobre amar seus inimigos⁹, Cristo fez na prática o que ensinou em teoria. Amou seus inimigos intercedendo por eles, sendo totalmente coerente com seus ensinamentos, pois, enquanto os fariseus foram cobrados por ensinarem e não praticarem o que ensinavam (Mt 23.3), sua oração dá o perfeito exemplo de alguém que é leal ao que prega. Cristo mostrou que embora a cruz revele a maldade do homem, seu amor se sobressai, mostrando-se muito maior que o pecado, imerecido e impossível de ser comprado.

2. FRASE DE SALVAÇÃO

A segunda frase proferida por Jesus, enquanto esteve na cruz foi: “*Em verdade lhe digo que hoje você estará comigo no paraíso*” (Lc 23.43). Um dos homens crucificados com ele reconheceu seu pecado e a inocência de Jesus. Aquele pecador estava arrependido e seu pedido: “Jesus, lembre-se de mim quando vier no seu reino”¹⁰, em outras palavras, pode ser reescrito: “quando vier como rei”.¹¹ Jesus respondeu a este pedido sincero vindo de um homem arrependido com uma palavra de salvação, a segunda palavra proferida naquela cruz. Franklim faz a seguinte afirmação acerca da resposta de Jesus:

Jesus concede muito mais do que havia pedido aquele moribundo ladrão. Ele havia pedido para que se lembrasse dele no futuro, mas Jesus concede-lhe uma possessão para aquele mesmo dia antes do pôr-do-sol. Jesus morreu para abrir as portas do céu a todos os pecadores arrependidos.¹²

Mesmo em uma circunstância como a tal, pendurado na cruz em tamanha aflição, o Senhor respondeu a súplica de um homem condenado, dando-lhe uma chance em seus últimos momentos de vida. Jesus fez uma afirmação, que como na palavra anterior, transborda de graça. Diante disso, Ryle, citando a obra “*Notas para Pregação*” de George

⁶ RYLE, J. C. **Meditações no Evangelho de Lucas**. Tradução de Expository thoughts on the gospels: Luke. São José dos Campos: Fiel, 2018, p. 538.

⁷ LEWIS, C. S. **Cristianismo puro e simples**. Tradução de Gabriele Greggersen. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017, p. 158.

⁸ Levítico 19.18; Mateus 22.39.

⁹ Mateus 5.43-44; Lucas 6.27-28.

¹⁰ Lucas 23.42.

¹¹ CARSON, D. A. **Comentário bíblico Vida Nova**. São Paulo: Vida Nova, 2009, p. 1532.

¹² FRANKLIM, Wilson. **O Evangelho segundo Lucas: a vida de Jesus**. Rio de Janeiro: JUERP, 2007, p. 240.

Jennings Davies, afirma: “na cruz um ladrão foi salvo para que ninguém se desespera, mas apenas um para que ninguém se iluda”.¹³ É interessante notar que estando entre os dois ladrões, ambos puderam ouvir suas palavras e vê-lo ser condenado injustamente, porém, apenas um é salvo. Enquanto um decidiu se juntar aos zombadores, o outro arrependido é salvo pela graça de Deus.

Esta palavra revela que a salvação não é resultado de boas obras, mas da graça de Deus. Aquele homem não podia fazer absolutamente nada por sua alma estando pendurado em uma cruz, jamais foi batizado, não era membro de uma igreja e nem participou da ceia do Senhor em toda a sua vida, mas para sua felicidade, a salvação vem pela fé, não pela obra de seus braços carnis.¹⁴ A salvação deste homem é evidenciada pelo arrependimento de seus pecados e pela fé em Jesus Cristo.

3. FRASE DE CUIDADO

A terceira frase de Jesus na cruz, é composta pelas seguintes palavras: “*Mulher, eis aí o seu filho. Depois, disse ao discípulo: Eis aí a tua mãe*” (Jo 19.26-27). Estas são palavras dirigidas a Maria, sua mãe, e a João, seu discípulo, que estavam presentes no local vendo seu sofrimento. Certamente era o momento mais difícil da vida de Maria, pois o menino que ela carregou em seus braços, estava agora pendurado em uma cruz sofrendo a punição de um criminoso. A profecia registrada em Lucas 2.35 se cumpria, ela estava sendo “traspasada pela espada”.

É muito provável que José, seu pai adotivo, já estivesse morto por não ser mais citado em momento algum nos Evangelhos e nem estar presente no dia da crucificação, o que torna Maria uma viúva. Diante desse fato, a história nos ensina que o cuidado de uma mãe viúva ficava sob a responsabilidade do filho mais velho, no caso Jesus. Caso o filho mais velho viesse a falecer, era comum que seus irmãos mais novos assumissem a responsabilidade de cuidar da mãe viúva.¹⁵ Porém, Jesus delega esta função a seu discípulo amado e de maior confiança. Ele confia sua mãe aos cuidados de João¹⁶, alguém em quem confiava, pois seus irmãos ainda não criam em sua divindade, e provavelmente não estavam presentes no Calvário no dia da crucificação.¹⁷

Em tamanho sofrimento enfrentando dores indescritíveis, ele demonstrou nessas palavras que não estava pensando em si mesmo, mas estava preocupado com o futuro de sua família, com o futuro de sua mãe, a quem muito amava. Maria cumpriu seus deveres como

¹³ RYLE, J. C. **Simplicidade na pregação**. Tradução de Rodrigo Silva. Foz do Iguaçu: Letras, 2012, p. 15.

¹⁴ RYLE, 2018, p. 541.

¹⁵ KEENER, 2017, p. 364.

¹⁶ A história mostra que João levou a sério esta ordem, pois o próprio versículo 27 afirma que João a manteve sob seus cuidados. Outros dois argumentos a favor disso estão em Atos 1.14, quando os discípulos estavam reunidos à espera de Pentecostes, Maria estava presente, e ainda, segundo a tradição, acreditasse que Maria residia em Éfeso, onde João foi pastor por alguns anos. É importante citar que Maria era a única capaz de salvá-lo da condenação, pelo fato de ser sua mãe. Bastava desmentir o que o Filho havia ensinado e tudo estaria resolvido, mas seu silêncio testemunha sua fé na divindade de seu Filho.

¹⁷ BRUCE, F. F. **João, introdução e comentário**. Tradução de Hans Udo Fuchs. São Paulo: Mundo Cristão, 1987, p. 317.

mãe de maneira excelente, agora, o Filho é quem está cuidando da mãe. Ele realizou um ato de grande obediência colocando sua mãe sob os cuidados de alguém que podia confiar, não a deixando desamparada, revelando que mesmo em meio às piores circunstâncias da vida, sejam elas quais forem, é possível ser obediente e fazer a coisa certa. A obediência sempre terá seu espaço em toda e qualquer situação que a vida apresentar e Cristo deu o perfeito exemplo.

4. FRASE DE AFLIÇÃO ESPIRITUAL

A quarta frase falada por Jesus na cruz é: “*Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?*” (Mt 27.46). Sendo uma citação de Salmos 22.1, ou em outras palavras, uma oração em voz alta, essas são as palavras que revelam o ápice da aflição e do sofrimento de Cristo na paixão. Ele estava enfrentando a ira e o juízo de Deus em um nível extremo. Elas (as palavras da quarta frase falada) revelam uma aflição titânica em um homem que nunca cometeu um único pecado, mas que enfrentou a cruz pelos pecados de outros.

Este é o ponto crucial da paixão de Cristo. Se um filho estiver em dificuldades, seu pai não irá ampará-lo? Um pai em sã consciência abandonaria o filho para morrer? Deus Pai não o amparou, porque foi o próprio Deus Pai quem o enviou para a cruz, tornando seu próprio Filho o substituto do homem pecador naquela cruz. Para que o pecador fosse amparado e acolhido pelo Pai, Cristo foi desamparado e abandonado em uma cruz. Pelo fato de que o pecado separa o homem de Deus, ele teve de suportar a separação naquele momento. Como Souza e McGee afirmam em sua obra “*Através da Bíblia – Mateus*”:

Quando Jesus gritou em alta voz: Deus meu, Deus meu, por que me desamparastes? (v. 46), o Pai ocultou o seu rosto do Filho porque Jesus tinha se tornado pecado por nós. O Filho que conhecia tão bem a intimidade com o Pai; o Filho que conhece o Pai como ninguém o conhece (11.27) estava experimentando o que tinha pedido para não experimentar. Ser abandonado pelo Pai, algo que nunca tinha conhecido antes, era experimentado agora em toda a sua plenitude. Jesus, o Filho de Deus, levava sobre si a maldição de toda a humanidade.¹⁸

Como Tasker escreve, essas palavras proferidas por Jesus caíram em ouvidos surdos, porém, aos que foram capazes de entender sua profundidade, tomam como uma indicação do sofrimento enfrentado pelo Salvador.¹⁹ A quarta frase da cruz faz nossa mente retornar ao ato salvífico de Cristo, à sua imensurável demonstração de amor e ao seu sacrifício que apaziguou a ira do Pai, quando o cálice da ira que era destinado ao ser humano pecador, foi bebido por ele. Essa palavra é um grito de agonia de alguém que estava desamparado, de um inocente que sofria por uma humanidade corrupta.

Jesus proferiu estas palavras em hebraico, o que fez com que as pessoas presentes no local não compreendessem. Isso pode explicar o fato de alguns pensarem de forma

¹⁸ SOUZA, Itamir Neves; MCGEE, John Vernon. **Através da Bíblia: Mateus**. São Paulo: Rádio Trans Mundial, 2008, p. 381.

¹⁹ TASKER, R. V. G. **Mateus: introdução e comentário**. Tradução de Odair Olivetti. São Paulo: Vida Nova, 1999, p. 211.

equivocada que ele estava chamando por Elias, mas na verdade ele estava gritando de agonia, no auge do seu sofrimento, quando já haviam três horas de escuridão sobre a terra.²⁰ Por fim, esse grito revelou o âmago de seu propósito, que era carregar o pecado dos homens sobre si e o preço espiritual que foi pago para que isso fosse possível. Se nas palavras que formam a quarta frase de Jesus antes de sua morte foi revelado o seu sofrimento espiritual, na frase seguinte foi revelado o sofrimento físico.

5. FRASE DE AFLIÇÃO FÍSICA

A quinta frase de Jesus antes da sua morte foi: “*Tenho sede!*” (Jo 19.28). Sem sombra de dúvidas, estas são as palavras mais simples das sete frases. São palavras comuns que revelam uma necessidade de um homem comum. Porém, mesmo sendo palavras simples, são carregadas de significado. Jesus estava morrendo e, mesmo já tendo enfrentado o Getsêmani, o sinédrio judaico, o pretório romano, o Governador Pilatos, o cruel açoite romano e os cravos, enfrentou mais uma vez o desprezo dos homens. Ele foi submetido a mais uma humilhação.

Se nas palavras anteriores, a aflição espiritual que Cristo enfrentou é revelada, esta revelou a aflição física. Ele permaneceu pregado na cruz durante seis horas²¹, sendo torturado por dores que não mostravam a menor piedade, e estando fraco, provavelmente com a boca e garganta secas, ele pediu água. Para os crucificados, a sede era um enorme tormento²², porém, a resposta a este pedido não é água, mas possivelmente como um ato de desprezo, os homens a sua volta colocaram uma esponja encharcada de vinagre²³ pendurada em uma vara. Ele tomou o cálice do sofrimento servido por Deus. Carson afirma, sobre a ligação do Salmo 69.21 com João 19.29-30, que:

Se admitirmos que Jesus sabia que estava cumprindo essa Escritura, presumivelmente ele sabia que, ao confessar verbalmente sua sede, ele precipitaria o esforço dos soldados para lhe dar um pouco de vinagre. Nesse caso, a frase que fala de cumprimento poderia ser traduzida assim: “Jesus, sabendo que tudo estava concluído, para se cumprir a Escritura [que diz ‘... para matar-me a sede deram-me vinagre’] disse: ‘Tenho sede’”.²⁴

Há quem diga que Jesus estivesse recitando o Salmo 69 em sua mente naquele momento. É muito provável que esta afirmação seja verdadeira, afinal, Jesus conhecia as Escrituras e as ensinava como ninguém. Certamente estas palavras estavam em sua mente, o que prova que ele sabia o que aquele ato de ter recebido vinagre em sua boca significava. As

²⁰ WIERSBE, Warren W. **Comentário bíblico expositivo**: Novo Testamento. Tradução de Susana E. Klassen. Santo André: Geográfica, 2006, p. 134-135.

²¹ WIERSBE, 2006, p. 356.

²² RIENECKER, Fritz. **Evangelho de Mateus**: comentário esperança. Tradução de Werner Fuchs. Curitiba: Esperança, 1998, p. 441.

²³ Alguns estudiosos, como Tasker, afirmam que a variante “vinagre” para a palavra *ὄξους*, não é a melhor tradução. Tasker defende que o que foi oferecido a Jesus se tratava de um vinho com narcótico, ou seja, um medicamento para trazer alívio à dor do condenado, segundo um costume misericordioso da época. Já Allen, no comentário bíblico Broadman, afirma que o *vinagre* era um vinho azedo e barato, sendo oferecido como desprezo a Cristo.

²⁴ CARSON, D. A. **O Comentário de João**. Tradução de Daniel de Oliveira e Vivian Nunes do Amaral. São Paulo: Shedd, 2007, p. 621.

Escrituras estavam se cumprindo e dando testemunho de que o que Deus havia falado por meio dos profetas era verdadeiro, como ele mesmo afirmou: “... *são elas mesmas [as Escrituras] que testificam de mim*” (Jo 5.39b).

Cumprindo a Escritura, Jesus proferiu essas palavras revelando parte de sua agonia física, o preço pago em seu corpo físico para que a humanidade conhecesse a salvação. Embora sejam palavras simples, revelam o sofrimento imensurável de um inocente. Também provam sua natureza humana, deixando claro que mesmo sendo verdadeiramente Deus, ele também é verdadeiramente homem, com necessidades físicas e emocionais como um ser humano comum, o que torna sua verdadeira identidade visível apenas aos olhos da fé.

Aquele homem crucificado entre dois criminosos era Deus e homem simultaneamente, fugindo da compreensão humana. Além disso, as palavras de Cristo dão testemunho de que a fé do cristianismo está baseada em um Evangelho verdadeiro. Não em uma falsa crença na qual Cristo é apenas um espírito, como para os gnósticos ou um homem comum, como para os ateus. Finalmente, elas revelam o preço pago por Cristo com sua aflição física para salvar o homem pecador.

6. FRASE DE VITÓRIA

Em sua penúltima frase, registrada em João 19.30, Jesus proferiu um grito de vitória. As palavras são: “*Está consumado*” (Jo 19.30). A sexta frase da cruz traz esperança e alegria, são palavras de vitória. Essa palavra é o marco do cumprimento de uma grande missão que nos permite meditar de forma significativa sobre a salvação. Uma missão dada pelo Pai ao Filho que havia sido cumprida e que agora o Filho declarava ao Pai que havia feito o que lhe foi confiado.

No grego a palavra *Τετέλεσται*²⁵ “tetelestai” é uma expressão que se refere ao pagamento de uma dívida. Uma tradução literal dessa palavra nos levaria ao termo “pago!”, que se trata de uma expressão comercial usada na época, encontrada em recibos e notas comerciais, semelhantes aos carimbos usados atualmente.²⁶ A palavra ainda pode ser traduzida por “completo, finalizado, concluído, ...”. Outro uso da expressão “tetelestai”, era quando um servo relatava ao seu senhor que a tarefa que lhe foi encarregada de fazer estava completa. Dizia-se: “Consume o que me fora confiado a fazer”. Era usada também pelo sacerdote, que ao examinar um animal dedicado ao sacrifício, não encontrando nele defeito algum, declarava: “tetelestai”. Outro uso da expressão era quando um artista finalizava uma pintura.²⁷

Assim, é possível perceber que Jesus em sua penúltima frase registrada nos evangelhos, revelou muito mais que uma pepita de ouro, mas um tesouro inteiro. Ele está afirmando, sem deixar a menor sombra de dúvida, que a dívida eterna que o ser humano tinha com Deus Pai foi quitada e o preço pago foi seu próprio sangue; ele está afirmando que a missão que lhe foi

²⁵ SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL, 2004, p. 427.

²⁶ TELES, Anderson Luís Jacomelli. **O Cristo crucificado na teologia do Evangelho de João**. 2018. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Faculdades EST, São Leopoldo, 2018, p. 112.

²⁷ WIERSBE, 2006, p. 496.

dada pelo Pai estava completa e seu dever havia sido cumprido como um servo bom e fiel ao seu Senhor; ele está afirmando ser o Cordeiro de Deus sem defeito algum, perfeito, que está apto para substituir o pecador em sua morte e que foi enviado para o sacrifício para a expiação do pecado humano; ele está afirmando que como grande pintor da história, havia terminado esta obra.

7. FRASE DE RENDIÇÃO

As últimas palavras de Jesus naquela cruz foram: "*Pai, em tuas mãos entrego meu espírito*" (Lc 23.46) – Sua última frase foi um grito em voz alta. Um grito que revelou sua total rendição à vontade do Pai. Após completar sua missão, ele entregou seu espírito em um ato de rendição e morreu pelos pecados de uma humanidade corrompida. A palavra *παρατίθεμαι*²⁸, traduzida por “entrego”, pode também significar “entregar-se aos cuidados de alguém”.²⁹ Ele estava literalmente se entregando ao Pai e revelou isso em suas últimas palavras. Essa palavra usada por Lucas ao escrever o seu Evangelho revela que Cristo estava em total confiança, total rendição e total sintonia com o Pai e sua vontade. Aquele que trouxe vida aos que não tinham esperança, como os coxos, os paralíticos, os cegos e os mudos, agora estava enfrentando a morte. Como Rienecker afirma, “encolheu-se o peito que havia abraçado o mundo inteiro com amor”.³⁰ Ryle destaca:

Nas suas palavras, existe um profundo significado, o qual não somos capazes de esquadrihar. Havia algo misterioso na morte de nosso Senhor que a tornou diferente da morte de qualquer outro ser humano. Aquele que proferiu essas palavras, temos de lembrar com atenção, tanto era Deus como era homem. Suas duas naturezas, divina e humana, estavam unidas de modo inseparável. É lógico que sua natureza divina não poderia morrer.³¹

Ambas as suas naturezas, humana e divina, estavam intrinsecamente unidas e ligadas uma à outra, de modo a ser Deus e homem ao mesmo tempo. A confissão de fé Batista de 1689, no capítulo 8 que trata sobre Cristo, o Mediador, afirma:

Duas naturezas completas, perfeitas e distintas foram inseparavelmente unidas, em uma única pessoa, sem conversão, composição ou confusão. E essa pessoa é verdadeiramente Deus e verdadeiramente homem; no entanto, um só Cristo, o único mediador entre Deus e os homens.³²

Porém, não foram ambas as naturezas que conheceram a morte, apenas a humana, afinal, Deus é um ser Eterno que não pode morrer. Através dos pecados da humanidade, Cristo conheceu a morte em sua natureza humana e enfrentou aquilo que o pecado recebe por salário, ou em outro termo, por merecimento, mesmo sem jamais ter conhecido o que é pecar.

²⁸ SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL, 2004, p. 334.

²⁹ LOUW, Johannes; NIDA, Eugene. **Léxico: Grego-Português do Novo Testamento em domínios semânticos.** Tradução de Wilson Scholz. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013, p. 413.

³⁰ RIENECKER, 1998, p. 442.

³¹ RYLE, 2018, p. 544.

³² SPURGEON, C. H. **A confissão de fé Batista de 1689 e um catecismo puritano compilado por C. H. Spurgeon.** Tradução de William e Camila Rebeca Teixeira. 9.ed. São Paulo: O Estandarte de Cristo, 2019, p. 36-37.

Cristo cumpriu sua missão e voluntariamente, como ele mesmo afirmou, entregou-se à morte,³³ para três dias depois vencê-la com a sua ressurreição. Onde pode se encontrar uma obediência semelhante à de Cristo? O Filho estava completamente rendido, em uma perfeita sintonia com a vontade do Pai. Nunca houve, em toda a história, registro de uma obediência como tal. Assim como ele afirma ter entregado sua própria vida de forma voluntária (Jo 10.18), entregou seu espírito às mãos do Pai voluntariamente, mostrando que mesmo no extremo da situação, ele continuava no controle.³⁴ Quem em algum momento pensou estar no controle se enganou, porque na verdade estava apenas fazendo aquilo que Deus já havia agendado.

Cristo revelou na última frase da cruz, que o plano Divino de redenção do homem pecador estava quase completo, faltava apenas a sua ressurreição para que o mundo testemunhasse de uma forma jamais vista antes a sua Glória e o seu Poder. Embora tenha morrido como um criminoso em uma morte terrível diante dos olhares do mundo em que ele mesmo é o Criador, o Grande Pintor e Escritor da história estava revelando em sua obra, um borbulhar de amor entre o Pai, o Filho e Espírito Santo. Facilmente, como Deus, poderia descer da cruz e salvar-se, como os zombadores pediam. Mas como seu coração estava rendido ao Pai, ele encarou a morte de frente, cumprindo sua missão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A dimensão da obra realizada por Cristo naquela cruz ultrapassou a capacidade de compreensão humana, pois não há como compreendê-la por completo, ou seja, em sua totalidade. Muito maior do que qualquer ser humano seria capaz de fazer. O que o homem é capaz de compreender é que ela é a obra que virou o jogo para o pecador condenado e perdido em seus pecados, se ele se arrepende e crer. As últimas frases de Jesus antes de sua morte são amostras da grandiosidade de seu feito. Cada uma das sete, quando estudadas, são como os raios de sol que entram pelas frestas de uma janela pela manhã, anunciando que há um dia ensolarado lá fora, que há uma luz muito maior por trás deles. Neste caso, Cristo Jesus e a sua salvação é a intensa luz anunciada através dos raios de luz lançados nas 7 frases da cruz.

Não se pode esquecer do cenário em que elas foram proferidas, do púlpito onde elas foram pregadas, isto é, da cruz. Alister McGrath, citando a obra de P. T. Forsyth, *justification of God [Justificação de Deus]* (1916), destaca:

A cruz não é um tema teológico nem um instrumento judicial, mas a crise moral do universo em uma escala muito superior à guerra. Ela é a teodiceia de Deus que lida com todo o espírito do mundo inteiro com um amor sagrado, um justo juízo e uma graça redentora.³⁵

Assim como ela é o instrumento pelo qual Deus decidiu, em sua Soberania, salvar o homem pecador, ela também fala contra o mesmo, revelando toda sua maldade e

³³ João 10.18.

³⁴ LOPES, Hernandes Dias. **João: as glórias do filho de Deus**. São Paulo: Hagnos, 2015, p. 486.

³⁵ MCGRATH, Alister. **Teologia sistemática, histórica e filosófica: uma introdução à teologia cristã**. Tradução de Marisa K. A. de Siqueira Lopes. São Paulo: Shedd, 2005, p. 484.

pecaminosidade. Nela, Cristo enfrentou um desespero autêntico, um abismo genuíno de dor, um abandono infinito e um sofrimento incomparável ao ter que suportar o peso dos pecados dos seres humanos.³⁶ O julgamento foi injusto e a pena foi cruel, por crimes que não foram cometidos, mas mesmo com a injustiça e a crueldade do homem tendo alcançado tamanha proporção, ele manteve-se fiel ao que ensinou e fiel ao Pai.

Mesmo em meio a tais circunstâncias Jesus orou por seus inimigos, fazendo exatamente aquilo que ensinou os seus ouvintes a fazer; salvou um pecador revelando que a salvação vem pela fé e não pelas obras; mostrou obediência e responsabilidade absolutas ao confiar sua mãe ao discípulo João; revelou a dimensão do preço pago pela salvação do homem com seu sofrimento espiritual e físico; declarou vitória com a missão que lhe foi dada pelo Pai sendo completa e por último, revelou que seu coração estava completamente rendido ao Pai, se submetendo a seu propósito quando entregou seu espírito e morreu.

Conclui-se que todas as sete frases proferidas por Jesus antes da sua morte não apenas revelam tesouros literários e teológicos devido a profundidade de significados que as palavras carregam, como também confirmam a veracidade dos textos bíblicos, tanto do Antigo quanto do Novo Testamento. Estas frases são um verdadeiro tesouro para a Teologia, permitindo a compreensão mais profunda do ministério de Cristo e de seu sacrifício para a redenção do ser humano pecador.

REFERÊNCIAS

ALLEN, Clifton J. **Comentário bíblico Broadman: Novo Testamento – Lucas e João**. Tradução de Adiel Almeida de Oliveira e Israel Belo de Azevedo. Rio de Janeiro: JUERP, 1983. 432 p.

BEAUMONT, Mike. **Guia prático da Bíblia**. Tradução de Vanderlei Ortigoza Junior. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012. 128 p.

BERKOUWER, G. C. **A pessoa de Cristo**. Tradução de A. Zimmermans e P. G. Hollanders. 2.ed. São Paulo: ASTE, 2011. 238 p.

BÍBLIA. **Nova Almeida Atualizada**. Tradução de João Ferreira Almeida. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2018. 960 p.

BRUCE, F. F. **João, introdução e comentário**. Tradução de Hans Udo Fuchs. São Paulo: Mundo Cristão, 1990. 355 p.

CARSON, D. A. **Comentário Bíblico Vida Nova**. São Paulo: Vida Nova, 2009. 2176 p.

CARSON, D. A. **O comentário de João**. Tradução de Daniel de Oliveira e Vivian Nunes do Amaral. São Paulo: Shedd, 2007. 686 p.

FRANKLIM, Wilson. **O Evangelho segundo Lucas: a vida de Jesus**. Rio de Janeiro: JUERP, 2007. 256p.

³⁶ BERKOUWER, G. C. **A pessoa de Cristo**. Tradução de A. Zimmermans e P. G. Hollanders. 2.ed. São Paulo: ASTE, 2011, p. 144.

KEENER, Craig S. **Comentário histórico cultural da Bíblia: Novo Testamento.** Tradução de José Gabriel Said, Thomas Neufeld de Lima. São Paulo: Vida Nova, 2017. 960 p.

LEWIS, C. S. **Cristianismo puro e simples.** Tradução de Gabriele Greggersen. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017. 288 p.

LOPES, Hernandes Dias. **João: as glórias do Filho de Deus.** São Paulo: Hagnos, 2015. 516 p.

LOPES, Hernandes Dias. **Lucas: Jesus, o homem perfeito.** São Paulo: Hagnos, 2017. 711 p.

LOPES, Hernandes Dias. **Mateus: Jesus, o rei dos reis.** São Paulo: Hagnos, 2019. 826 p.

LOUW, Johannes; NIDA, Eugene. **Léxico: Grego-Português do Novo Testamento em domínios semânticos.** Tradução de Vilson Scholz. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013. 786 p.

MCGRATH, Alister. **Teologia sistemática, histórica e filosófica: uma introdução à teologia cristã.** Tradução de Marisa K. A. de Siqueira Lopes. São Paulo: Shedd, 2005. 664 p.

RIENECKER, Fritz. **Evangelho de Mateus: comentário esperança.** Tradução de Werner Fuchs. Curitiba: Esperança, 1998.

RYLE, J. C. **Meditações no Evangelho de Lucas.** Tradução de Expository thoughts on the gospels: Luke. São José dos Campos: Fiel, 2018. 568 p.

RYLE, J. C. **Simplicidade na pregação.** Tradução de Rodrigo Silva. Foz do Iguaçu: Letras, 2012. 63 p.

SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL: **Novo Testamento interlinear Grego-Português.** Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2004. 992 p.

SOUZA, Itamir Neves; MCGEE, John Vernon. **Através da Bíblia: Mateus.** São Paulo: Rádio Trans Mundial, 2008. 400 p.

SPURGEON, C. H. **A confissão de fé Batista de 1689 e um catecismo puritano compilado por C. H. Spurgeon.** Tradução de William e Camila Rebeca Teixeira. 9.ed. São Paulo: O Estandarte de Cristo, 2019. 154 p.

TASKER, R. V. G. **Mateus: introdução e comentário.** Tradução de Odair Olivetti. São Paulo: Vida Nova, 1999. 229 p.

TELES, Anderson Luís Jacomelli. **O Cristo crucificado na teologia do Evangelho de João.** 2018. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Faculdades EST, São Leopoldo, 2018.

THOMAS, Robert; GUNDRY, Stanley. **Harmonia dos Evangelhos.** Tradução de Valdemar Kroker. São Paulo: Vida, 2007. 320 p.

WIERSBE, Warren W. **Comentário bíblico expositivo: Novo Testamento.** Tradução de Susana E. Klassen. Santo André: Geográfica, 2006. 952 p.